

Antes de mais queremos transcrever algumas palavras que melhor que nós respondem pelo trabalho que estamos a desenvolver. Palavras pronunciadas em 1933 numa conferência que, apesar do tempo, mantêm a maior actualidade.

Uma Conferência realizada na inauguração da actividade da União Cultural "Mocidade livre" em 25 de Maio de 1933, republicada em Separata da "Gazeta de Matemática" n° 129-132, Lisboa 1976.

"A cultura integral do indivíduo – problema central no nosso tempo"

(...)

Não estará errado pela base o título e intenção desta conferência?

É o nosso tempo susceptível de mais do que pequenos problemas parcelares sem conexão uns com os outros e reflectindo, na sua pulverização, o amorfismo actual?

É a estas perguntas, que a mim mesmo tenho posto com angústia, que vou procurar dar uma resposta. Para ela, não reivindico outra categoria de valor que não seja a honestidade com que foi procurada. Sei demasiado, para que outro mérito pretenda ver-lhe atribuído, quanto são falíveis ainda os juízos mais prudentes, e, se não receio o erro, é só porque estou sempre pronto a corrigi-lo.

(...) Bento de Jesus Caraça

Correcção ao Livro (isbn: 978972990007-5):

Gil Vicente, O Velho da Horta.

De Sibila Cassandra à "Tragédia da Sepultura"

Se já fez uma leitura dos livros que publicámos sobre a obra dramática de Gil Vicente, ao verificar a pouca atenção que demos ao *jantar*, à refeição (os *manjares, iguarias*) preparada pela Velha, há grandes possibilidades de ter detectado o erro no contexto da nossa análise das peças.

Corrigindo:

O criado do Velho – personagem do *Auto do Velho da Horta*, a peça que, como afirmámos, se encontra na sequência do *Auto de Sibila Cassandra* (1511) – o Parvo, constitui uma figuração de Erasmo de Roterdão (padre da Igreja) e não de um Cardeal, ou qualquer outro servidor (criado) da Igreja, como ficou erradamente expresso na primeira edição do livro em causa.

... *Todavia o verdadeiro e único deleite da alma é o gozo da consciência pura. Os seus **saborosíssimos manjares** são o estudo das Sagradas Escrituras; os seus **dulcíssimos cantos os salmos do Espírito Santo; a mais festiva companhia, a comunhão de todos os Santos; a mais suave delícia, a fruição da Verdade**...* (Erasmus de Roterdão – *Enchiridion*, 1503)

Já no *Auto da Alma*, na segunda parte da peça, Gil Vicente tinha usado a metáfora dos *manjares*, nas *iguarias*, mas aí invertendo correlativamente a situação, aplicando-a para criticar Júlio II nas formas exteriores do culto, rituais e adoração das relíquias.

No *Velho da Horta* o **jantar** (os *manjares*) são tomados na perspectiva de Erasmo, como na transcrição acima, *na comunhão de todos*. O objectivo do Parvo, pela sua caracterização na **acção dramática** da peça, é manter o casamento (aliança) entre a Velha (Igreja em Concílio, Pisa e Latrão) e o Velho (Papa Júlio II), e para isso desenvolve todos os esforços. Nas palavras de Erasmo: *Cuida portanto de ser membro do seu Corpo e tudo te será possível unido à Cabeça*.

As atitudes sempre insistentes do Parvo são de conciliação (preferência pelo conciliarismo) entre o Velho e a Velha, mas tem também sempre, como pressuposto, requerer a indispensável presença do Velho (do Papa em Concílio) no jantar, comendo do mesmo que a Velha preparou (alimentando o seu espírito com o preparado em Concílio) porque, senão, vai procurar outro dono (ao outro Concílio, conciliábulo de Pisa... Acresce, portanto, serem as refeições, a panela cozida, preparadas pela Velha – os alimentos do intelecto preparados pela Igreja para serem tomados em conjunto (em Concílio) – pois, também do outro lado (de Pisa) há expectativa de um acordo: *veio lá meu tio (Luís XII) estava minha dona (Igreja) foi-se-lhe o lume pela panela (a decisão – lume – de convocar o Concílio para Pisa)*, e, se não houver acordo, acerto ou concertação nas concepções, haverá que acarear as decisões (dos dois concílios: Pisa e Latrão): *senam acertá-lo acario*... Toda a **acção** do Parvo é configurada, pela sequência da caracterização das ideologias (até então publicadas) de Erasmo, conforme Gil Vicente as representa no *Auto da Alma* (1508) e em *Sibila Cassandra* (1511).

O Concílio de Pisa (conciliábulo), no qual foi exigida por convocatórias a presença do Papa, devido aos protestos da população de Pisa mudou-se para Milão (então em poder dos franceses) e, depois, em Junho de 1512 para Lyon, mas este “concílio” nunca chegou a ser fechado ou concluído. Luís XII manteve até à morte as decisões de Pisa com a destituição do Papa Júlio II, e só em 1515, o novo rei de França, Francisco I, aceitou aderir ao Concílio de Latrão anulando todas as decisões de Pisa.

Gil Vicente figura deste modo o que considerou ser a posição de Erasmo no confronto ideológico entre o conciliarismo e o Poder Papal no momento histórico, entre o início do ano e Agosto de 1512, pois, a peça *O Velho da Horta* foi com certeza representada pela primeira vez em 1 de Novembro de 1512, dia de todos os Santos, como o comprova *a ladainha a todos os santos marteirados* – (24) doze santos cortesãos e doze santas damas da Corte, – celebrando em Lisboa, no mesmo dia, a reabertura do **Jardim das estátuas** (a Horta), a inauguração do **corredor de Bramante**, – no museu do Vaticano – abrindo um acesso glorioso entre as estátuas romanas à Capela Sistina, para aí desfrutar da **pintura de Miguel Ângelo na abóboda da Capela** (as ervas novas):

PARVO: *Dono, veo lá meu tio / estava minha dona entam ela / foi-se-lhe o lume pola panela / senam acertá-lo acario* (260).

PARVO: ... *está a panela cozida. / Minha dona quer jentar! // Nam quereis?*
Está tudo preparado para que, em conjunto (em concílio) se alimentem as almas, para que cada um alimente o seu espírito (concepção de Erasmo).

VELHO: *Nam hei de comer que me pês / nem quero comer bocado.*
Desse jantar (*a mais festiva companhia, a comunhão de todos os Santos*) o Velho não quer comer, nem por nada, nem qualquer migalha (não aceitará qualquer decisão)!

PARVO: *E se vós dono morreis / entam depois nam falareis / senam finado.*
A insistência do Parvo (Erasmo) em manter o casamento (aliança entre o Papa e a Igreja em Concílio) repete-se de diversos modos, ele adverte o Velho de que a sua morte se aproxima e que, depois, apenas irão ficar as suas relíquias (bichosas) que, dificilmente irão “dizer” alguma coisa. As expressões que se seguem na peça, sobre a degradação do corpo do finado Velho, figuram as críticas de Erasmo aos costumes de conservar e adorar relíquias, as dos santos, como as dos Papas. O que então era comum na Europa.

Surge também a crítica pela falta de resposta do Papa à requerida presença nas reuniões dos Concílios (de Pisa e de Latrão), enquanto cardeais e bispos disputam e alimentam o seu intelecto, Júlio II desfruta das Artes do seu tempo:

PARVO: ... *estão os outros jentando / e cantaremos!?*

Obedecendo ao Velho, o Parvo sai para ir buscar uma viola e, no regresso do Parvo, o Velho exclama perguntando:

VELHO: *Hei de morrer!?*

PARVO: *Minha dona quer comer... / Vinde eramá, dono, que brada! / Olhai, eu fui-lhe dizer / dessa rosa, e do tanger, / e está raivada.*

Erasmus de Roterdão, defendia uma Igreja simples e humana, baseada num *espírito de corpo*, como *Corpo de Deus* (São Paulo) e opunha-se à riqueza, ostentação e opulência do Papado e da Igreja Romana – opunha-se às enormes despesas com a Basílica e com as Artes, – tal como era concebida por Júlio II... Como Erasmo, muitas outras vozes na época (sobretudo os secretos seguidores do "mártir", o louco dominicano, Savonarola) se opunham à ostentação da riqueza.

Velho *Vai-te tu filho Joane
e dize que logo vou
que nam há tanto que cá estou.*
Parvo *Ireis vós pera o Sanhoane?* 310

O Velho manda o Parvo ir a São João de Latrão, *vai-te tu, filho, Joane...* Pois o Parvo insistia a necessária união com a Velha. Erasmo encontrava-se entre Pisa e Latrão – um pé num lado outro no outro – e, com Júlio II, estava mais perto do conciliarismo (não tanto em Pisa, mas em Latrão), todavia a sua posição tendia a aproximar-se do Papa. O Velho insiste na sua ida à igreja de São João de Latrão. O Parvo concorda e insiste com o Velho para ele ir também ao Concílio de Latrão: *Ireis vós pera o Sanhoane?*

A oposição de Erasmo a Júlio II – estranhamente, ao contrário do que acontecerá com Leão X – era bem conhecida na época, dando azo a anedotas de parte a parte. E nesta peça, o Parvo (Erasmo) crítica e não aceita, de modo nenhum, a atitude do Velho (Júlio II) de permanecer quase alheio ao que se passa nas reuniões conciliares dos Bispos e Cardeais:

PARVO: *Polo céu sagrado / que meu dono está danado! / Viu ele o demo no ramo / se ele fosse namorado / logo eu vou [ao conciliábulo] / buscar outro amo.*

Assim (até nova edição), este texto completa e emenda pontualmente o texto do livro (*Gil Vicente, O Velho da Horta, de Sibila Cassandra à "Tragédia da Sepultura"*) no que se refere ao que consta em: ***Figurando o conflito histórico.***

Com esta correcção, a *acção dramática* da peça fica mais rica e, numa encenação, para orientar a actuação e as expressões do actor no papel do Parvo, é importante ter presente esta componente da figura representada no Parvo. Não ver desde logo, na personagem do Parvo, a figura de Erasmo de Roterdão pode também ter tido origem no facto de o nosso inconsciente não aceitar a personificação dele como um Parvo. Contudo, havíamos já verificado que, em muitos casos, no teatro de Gil Vicente surgem grandes figuras internacionais personificadas como Bobos e Parvos.

Sem receio de entrar novamente em erro,
...porque estou sempre pronto a corrigi-lo.

Faro, 21 de Maio de 2011.
Noémio Ramos